

Falenas, de Machado de Assis

Texto proveniente de:

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>

A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Texto-base digitalizado por:

NUPILL - Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Lingüística

<<http://www.cce.ufsc.br/~alckmar/literatura/literat.html>>

Universidade Federal de Santa Catarina

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <bibvirt@futuro.usp.br>.

Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quer ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <bibvirt@futuro.usp.br> e saiba como isso é possível.

Falenas Machado de Assis

ÍNDICE:

- | | |
|---------------------------|---------------------------|
| 1. FLOR DA MOCIDADE | 11. LÁGRIMAS DE CERA |
| 2. QUANDO ELA FALA | 12. LIVROS E FLORES |
| 3. MANHÃ DE INVERNO | 13. PÁSSAROS |
| 4. LA MARCHESA DE MIRAMAR | 14. O VERME |
| 5. SOMBRAS | 15. UN VIEUX PAYS |
| 6. ITE, MISSA EST | 16. LUZ ENTRE SOMBRAS |
| 7. RUÍNAS | 17. LIRA CHINESA |
| 8. MUSA DOS OLHOS VERDES | 18. UMA ODE DE ANACREONTE |
| 9. NOIVADO | 19. PÁLIDA ELVIRA |
| 10. A ELVIRA | |

FLOR DA MOCIDADE

EU CONHEÇO a mais bela flor

És tu, rosa da mocidade

Nascida, aberta para o amor.

Eu conheço a mais bela flor.

Tem do céu a serena cor

E o perfume da virgindade.

Eu conheço a mais bela flor,

És tu, rosa da mocidade.

Vive às vezes na solidão

Como filha da brisa agreste.

Teme acaso indiscreta mão

Vive às vezes na solidão.

Poupa a raiva do furacão
Suas folhas de azul-celeste
Vive às vezes na solidão
Como filha da brisa agreste.
Colhe-se antes que venha o mal
Colhe-se antes que chegue o inverno;
Que a flor morta já nada vale.
Colhe-se antes que venha o mal.
Quando a terra é mais jovial
Todo o bem nos parece eterno
Colhe-se antes que venha o mal
Colhe-se antes que chegue o inverno.

QUANDO ELA FALA

She speaks!
O speak again, bright angel!
Shakespeare

QUANDO ela fala, parece
Que a voz da brisa se cala;
Talvez um anjo emudece
Quando ela fala.

Meu coração dolorido
As suas mágoas exala.
E volta ao gozo perdido
Quando ela fala.

Pudesse eu eternamente
Ao lado dela, escutá-la,
Ouvir sua alma inocente
Quando ela fala.

Minh'alma, já semimorta,
Conseguira ao céu alçá-la,
Porque o céu abre uma porta
Quando ela fala.

MANHÃ DE INVERNO

COROADA DE NÉVOAS surge a aurora
Por detrás das montanhas do oriente;
Vê-se um resto de sono e de preguiça
Nos olhos da fantástica indolente.
Névoas enchem de um lado e de outro os morros
Tristes como sinceras sepulturas
Essas que têm por simples ornamento
Puras capelas, lágrimas mais puras.
A custo rompe o sol; a custo invade
O espaço todo branco: e a luz brilhante
Fulge através do espesso nevoeiro.
Como através de um véu fulge o diamante.

Vento frio, mas barato agita as folhas
Das laranjeiras úmidas da chuva:
Erma de flores, curva a planta o colo
E o chão recebe o pranto da viúva.
Gelo não cobre o dorso das montanhas
Nem enche as folhas trêmulas a neve;
Galhardo moço, o inverno deste clima
Na verde palma a sua história escreve.
Pouco a pouco, dissipam-se no espaço
As névoas da manhã; já pelos montes
Vão subindo as que encheram todo o vale
Já se vão descobrindo os horizontes.
Sobe de todo o pano, eis aparece
Da natureza o esplêndido cenário
Tudo ali preparou cos sábios olhos
A suprema ciência do empresário.
Canta a orquestra dos pássaros no mato
A sinfonia alpestre, — a voz serena
Acorda os ecos tímidos do vale;
E a divina comédia invade a cena.

LA MARCHESA DE MIRAMAR

A misérrima Dido
Pelos paços reais vaga ululando.
Garção

DE QUANTO sonho um dia povoaste
A mente ambiciosa,

Que te resta? Uma página sombria,
A escura noite e um túmulo recente.
Ó abismo! Ó fortuna! Um dia apenas
Viu erguer, viu cair teu frágil trono.
Meteoro do século, passaste,
Ó triste império, alumando as sombras.
A noite foi teu berço e teu sepulcro!
Da tua morte os goivos inda acharam
Frescas as rosas dos teus breves dias;
E no livro da história uma só folha
A tua vida conta; sangue e lágrimas.
No tranqüilo castelo,

Ninho d'amor, asilo de esperanças,
A mão de áurea, fortuna preparara,
Menina e moça um túmulo aos teus dias.
Junto do amado esposo,

Outra c'roa cingias mais segura,
A coroa do amor, dádiva santa
Das mãos de Deus. No céu de tua vida

Uma nuvem sequer não sombreava
A esplêndida manhã; estranhos eram
Ao recatado asilo

Os rumores do século.

Estendia-se
Em frente o largo mar, tranqüila face
Como a da consciência alheia ao crime,
E o céu, cúpula azul do equóreo leito.
Ali, quando ao cair da amena tarde,
No tálamo encantado do ocidente,
O vento melancólico gemia,
E a onda murmurando,

Nas convulsões do amor beijava a areia,
Ias tu junto dele, as mãos travadas,
Os olhos confundidos,
Correr as brandas, sonolentas águas,
Na gôndola discreta. Amenas flores
Com suas mãos teciam

As namoradas Horas; vinha a noite,
Mãe de amores, solícita descendo,
Que em seu regaço a todos envolvia
O mar, o céu, a terra, o lenho e os noivos...
Mas além, muito além do céu fechado,
O sombrio destino, contemplando
A paz do teu amor, a etérea vida
As santas efusões das noites belas
O terrível cenário preparava
A mais terríveis lances.
Então surge dos tronos

A profética voz que anunciava
Ao teu crédulo esposo:

"Tu serás rei, Macbeth!" Ao longe, ao longe.
No fundo do oceano, envolto em névoas
Salpicado de sangue, ergue-se um trono.
Chamam-no a ele as vozes do destino.
Da tranqüila mansão ao novo império
Cobrem flores a estrada, — estéreis flores
Que mal podem cobrir o horror da morte.
Tu vais, tu vais também, vítima infausta;
O sopro da ambição fechou teus olhos...
Ah! quão melhor te fora
No meio dessas águas

Que a régia nau cortava, conduzindo
Os destinos de um rei, achar a morte
A mesma onda os dous envolveria.
Uma só convulsão às duas almas.
O vínculo quebrara, e ambas iriam
Como raios partidos de uma estrela
À eterna luz juntar-se.

Mas o destino, alçando a mão sombria,
Já traçara nas páginas da história
O terrível mistério. A liberdade
Vela naquele dia a ingênua frente.
Pejam nuvens de fogo o céu profundo.
Orvalha sangue a noite mexicana...
Viúva e moça, agora em vão procuras
No teu plácido asilo o extinto esposo.
Interrogas em vão o céu e as águas.
Apenas surge ensangüentada sombra
Nos teus sonhos de louca, e um grito apenas,
Um soluço profundo reboando
Pela noite do espírito, parece
Os ecos acordar da mocidade.
No entanto, a natureza alegre e viva,
Ostenta o mesmo rosto.

Dissipam-se ambições, impérios morrem,
Passam os homens como pó que o vento
Do chão levanta ou sombras fugitivas
Transformam-se em ruína o templo e a choça.
Só tu, só tu, eterna natureza,
Imutável, tranqüila

Como rochedo em meio do oceano
Vês baquear os séculos.

Sussurra
Pelas ribas do mar a mesma brisa;
O céu é sempre azul, as águas mansas;
Deita-se ainda a tarde vaporosa
No leito do ocidente

Ornam o campo as mesmas flores belas
Mas em teu coração magoado e triste
Pobre Carlota! o intenso desespero
Enche de intenso horror o horror da morte,
Viúva da razão, nem já te cabe
A ilusão da esperança.

Feliz, feliz, ao menos, se te resta,
Nos macerados olhos

O derradeiro bem: — algumas lágrimas!

SOMBRAS

QUANDO, assentada, à noite, a tua frente inclinas,
E cerras descuidada as pálpebras divinas,
E deixas no regaço as tuas mãos cair,
E escutas sem falar, e sonhas sem dormir,
Acaso uma lembrança, um eco do passado,
Em teu seio revive?

O túmulo fechado

Da ventura que foi, do tempo que fugiu,

Por que razão, mimosa, a tua mão o abriu?
Com que flor, com que espinho, a importuna memória
Do teu passado escreve a misteriosa história?
Que espectro ou que visão ressurgue aos olhos teus?
Vem das trevas do mal ou cai das mãos de Deus?
É saudade ou remorso? é desejo ou martírio?
Quando em obscuro templo a fraca luz de um círio
Apenas alumia a nave e o grande altar
E deixa todo o resto em treva, — e o nosso olhar
Cuida ver ressurgindo, ao longe, dentre as portas
As sombras imortais das criaturas mortas,
Palpita o coração de assombro e de terror;
O medo aumenta o mal. Mas a cruz do Senhor,
Que a luz do círio inunda, os nossos olhos chama;
O ânimo esclarece aquela eterna chama
Ajoelha-se contrito, e murmura-se então
A palavra de Deus, a divina oração.

Pejam sombras, bem vês, a escuridão do templo;
Volve os olhos à luz, imita aquele exemplo;
Corre sobre o passado impenetrável véu;
Olha para o futuro e vem lançar-te ao céu.

ITE, MISSA EST

FECHA O MISSAL do amor e a bênção lança
À pia multidão
Dos teus sonhos de moço e de criança,
Soa a hora fatal. — reza contrito
As palavras do rito:
Ite, missa est.
Foi longo o sacrifício; o teu joelho
De curvar-se cansou:
E acaso sobre as folhas do Evangelho
A tua alma chorou.
Ninguém viu essas lágrimas (ai tantas!)
Cair nas folhas santas.
Ite, missa est.
De olhos fitos no céu rezaste o credo
O credo do teu deus;
Oração que devia, ou tarde ou cedo
Travar nos lábios teus;
Palavra que se esvai qual fumo escasso
E some-se no espaço.
Ite, missa est.
Votaste ao céu, nas tuas mãos alçadas
A hóstia do perdão,
A vítima divina e profanada
Que chamas coração.
Quase inteiras perdeste a alma e a vida
Na hóstia consumida.
Ite, missa est.
Pobre servo do altar de um deus esquivo,
É tarde, beija a cruz
Na lâmpada em que ardia o fogo ativo,

Vê, já se extingue a luz.
Cubra-te agora o rosto macilento
O véu do esquecimento.
Ite, missa est.

RUÍNAS

*No hay pájaros [hogaño] em los nidos de antaño.
Provérbio espanhol*

COBREM PLANTAS sem flor crestados muros;
Range a porta anciã; o chão de pedra
Gemem parece aos pés do inquieto vate.
Ruína é tudo: a casa, a escada, o horto,
Sítios caros da infância.
Austera moça

Junto ao velho portão o vate aguarda;
Pendem-lhe as tranças soltas
Por sobre as roxas vestes

Risos não tem, e em seu magoado gesto
Transluz não sei que dor oculta aos olhos,
— Dor que à face não vem, — medrosa e casta
Intima e funda; — e dos cerrados cílios
Se uma discreta e muda

Lágrima cai, não murcha a flor do rosto
Melancolia tácita e serena,
Que os ecos não acorda em seus queixumes
Respira aquele rosto. A mão lhe estende
O abatido poeta. Ei-los percorrem
Com tardo passo os lembrados sítios,
Ermos depois que a mão da fria morte
Tantas almas colhera. Desmaiavam,
Nos serros do poente.
Aos rosas do crepúsculo.

"Quem és? pergunta o vate; o solo que foge
No teu languido olhar um raio deixa;
— Raio quebrado e frio: — o vento agita
Tímido e frouxo as tuas longas tranças.
Conhecem-te estas pedras; das ruínas
Alma errante pareces condenada
A contemplar teus insepultos ossos.
Conhecem-te estas árvores. E eu mesmo
Sinto não sei que vaga e amortecida
Lembrança de teu rosto."

Desceu de todo a noite,
Pelo espaço arrastando o manto escuro
Que a loura Vésper nos seus ombros castos,
Como um diamante, prende. Longas horas
Silenciosas correram. No outro dia,

Quando as vermelhas rosas do oriente
Ao já próximo sol a estrada ornavam,
Das ruínas saíam lentamente
Duas pálidas sombras...

MUSA DOS OLHOS VERDES

MUSA dos olhos verdes, musa alada,
Ó divina esperança,

Consolo do ancião no extremo alento,
E sonho da criança;

Tu que junto do berço o infante cinges
Cos fúlgidos cabelos

Tu que transformas em dourados sonhos
Sombrios pesadelos;

Tu que fazes pulsar o seio às virgens;
Tu que às mães carinhosas

Enches o brando, tépido regaço
Com delicadas rosas;

Casta filha do céu, virgem formosa
Do eterno devaneio

Sê minha amante, os beijos recebe,
Acolhe-me em teu seio!

Já cansada de encher lânguidas flores
Com as lágrimas frias,

A noite vê surgir do oriente a aurora
Dourando as serranias.

Asas batendo à luz que as trevas rompe,
Piam noturnas aves.

E a floresta interrompe alegremente
Os seus silêncios graves.

Dentro de mim, a noite escura e fria
Melancólica chora

Rompe estas sombras que o meu ser povoam
Musa, sê tua a aurora!

NOIVADO

VÊS, QUERIDA, o horizonte ardendo em chamas?
Além desses outeiros
Vai descambando o sol, e à terra envia

Os raios derradeiros;

A tarde, como noiva que enrubescer,
Traz no rosto um véu mole e transparente;
No fundo azul a estrela do poente
Já tímida aparece.

Como um bafo suavíssimo da noite,
Vem sussurrando o vento.

As árvores agita e imprime às folhas
O beijo sonolento.

A flor ajeita o cálix: cedo espera
O orvalho, e entanto exala o doce aroma;
Do leito do oriente a noite assoma;
Como uma sombra austera.

Vem tu, agora, ó filha de meus sonhos,
Vem, minha flor querida;

Vem contemplar o céu, página santa
Que amor a ler convida;

Da tua solidão rompe as cadeias;
Desce do teu sombrio e mudo asilo;
Encontrarás aqui o amor tranqüilo...
Que esperas? que receias?

Olha o templo de Deus, pomposo e grande;
Lá do horizonte oposto

A lua, como lâmpada, já surge
A alumiar teu rosto;

Os círios vão arder no altar sagrado,
Estrelinhas do céu que um anjo acende;
Olha como de bálsamos recende
A c'roa do noivado.

Irão buscar-te em meio do caminho
As minhas esperanças;

E voltarão contigo, entrelaçadas
Nas tuas longas tranças

No entanto eu preparei teu leito à sombra
Do limoeiro em flor; colhi contente
Folhas com que alastrei o solo ardente
De verde e mole alfombra.

Pelas ondas do tempo arrebatados,
Até à morte iremos,

Soltos ao longo do baixel da vida
Os esquecidos remos.

Firmes, entre o fragor da tempestade,
Gozaremos o bem que amor encerra,
Passaremos assim do sol da terra
Ao sol da eternidade.

A ELVIRA
(LAMARTINE)

QUANDO, contigo a sós, as mãos unidas,
Tu, pensativa e muda, e eu, namorado,
Às volúpias do amor a alma entregando,
Deixo correr as horas fugidias
Ou quando às solidões de umbrosa selva
Comigo te arrebatou; ou quando escuto
—Tão só eu,—teus terníssimos suspiros
E de meus lábios solto

Eternas juras de constância eterna;
Ou quando enfim, tua adorada fronte
Nos meus joelhos trêmulos descansa,
E eu suspendo meus olhos em teus olhos,
Como às folhas da rosa ávida abelha;
Ai, quanta vez então dentro em meu peito
Vago terror penetra, como um raio,
Empalideço, tremo;

E no seio da glória em que me exalto,
Lágrimas verto que a minha alma assombram!
Tu, carinhosa e trêmula,

Nos teus braços me cinges,—e assustada,
Interrogando em vão, comigo choras!
"Que dor secreta o coração te oprime?"
Dizes tu. "Vem, confia os teus pesares
Fala! eu abrandarei as penas tuas!
Fala! eu consolarei tua alma aflita!"
Vida do meu viver, não me interrogues!
Quando enlaçado nos teus níveos braços
A confissão de amor te ouço, e levanto
Languidos olhos para ver teu rosto,
Mais ditoso mortal o céu não cobre!
Se eu tremo, é porque nessas esquecidas
Afortunadas horas

Não sei que voz do enleio me desperta,
E me persegue e lembra

Que a ventura coo tempo se esvaece,
E o nosso amor é facho que se extingue!
De um lance, espavorida,

Minha alma voa às sombras do futuro,
E eu penso então: "Ventura que se acaba
Um sonho vale apenas".

LÁGRIMAS DE CERA

PASSOU; viu a porta aberta.
Entrou; queria rezar.
A vela ardia no altar.
A igreja estava deserta.

Ajoelhou-se defronte
Para fazer a oração;
Curvou a pálida fronte
E pôs os olhos no chão.

Vinha trêmula e sentida.
Cometera um erro, a cruz
É a âncora da vida,
A esperança, a força, a luz.

Que rezou? Não sei. Benzeu-se
Rapidamente. Ajustou
O véu de rendas. Ergueu-se
E à pia se encaminhou.

Da vela benta que ardera,
Como tranqüilo fanal,
Umás lágrimas de cera
Cafam no castiçal.
Ela porém não vertia
Ma lágrima sequer.
Tinha fé, - a chama a arder -
Chorar é que não podia.

LIVROS E FLORES

TEUS OLHOS são meu livros.
Que livro há aí melhor,
Em que melhor se leia
A página do amor?

Flores me são teus lábios.
Onde há mais bela flor
Em que melhor se beba
O bálsamo do amor?

PÁSSAROS

Je veux changer mes pensées em oiseaux..

C. MAROT

OLHA COMO, cortando os leves ares,
Passam do vale ao monte as andorinhas;
Vão pousar na verdura dos palmares,
Que, à tarde, cobre transparente véu;
Voam também como essas avezinhas

Meus sombrios, meus tristes pensamentos;
Zombam da fúria dos contrários ventos,
Fogem da terra, acercam-se do céu.

Porque o céu é também aquela estância
Onde respira a doce criatura,
Filha de nosso amor, sonho da infância,
Pensamento dos dias juvenis.
Lá, como esquiva flor, formosa e pura,
Vives tu escondida entre a folhagem,
Ó rainha do ermo, ó fresca imagem
Dos meus sonhos de amor calmo e feliz!

Vão para aquela estância enamorados,
Os pensamentos de minh'alma ansiosa;
Vão contar-lhe os meus dias mal gozados
E estas noites de lágrimas e dor.

Na tua frente pousarão, mimosa,
Como as aves no cimo da palmeira,
Dizendo aos ecos a canção primeira
De um livro escrito pela mão do amor.

Dirão também como conservo ainda
No fundo de minh'alma essa lembrança
De tua imagem vaporosa e linda,
Único alento que me prende aqui
E dirão mais que estrelas de esperança
Enchem a escuridão das noites minhas
Como sobem ao monte as andorinhas
Meus pensamentos voam para ti.

O VERME

EXISTE uma flor que encerra
Celeste orvalho e perfume.
Plantou-a em fecunda terra
Mão benéfica de um nume.

Um verme asqueroso e feio,
Gerado em lodo mortal
Busca esta flor virginal
E vai dormir-lhe no seio.

Morde, sangra, rasga e mina,
Suga-lhe a vida e o alento;
A flor o cálix inclina;
As folhas, leva-as o vento.

Depois, nem resta o perfume
Nos ares da solidão...
Esta flor é o coração.
Aquêlve verme o ciúme.

UN VIEUX PAYS
... juntamente choro e rio.
CAMÕES.

IL EST UN VIEUX pays, plein d'ombre et de lumière,
Où l'on rêve le jour, où l'on pleure le soir,
Un pays de blasphème, autant que de prière,
Né pour la doute et pour l'espoir.

On n'y voit point de fleurs sans un ver qui les ronge,
Point de mer sans tempête, ou de soleil sans nuit;
Le bonheur y paraît quelquefois dans un songe
Entre les bras du sombre ennui.

L'amour y va souvent, mais c'est tout un délire
Un désespoir sans fin, une énigme sans mot;
Parfois il rit gaîment, mais de cet affreux rire
Qui n'est peut-être qu'un sanglot.

On va dans ce pays de misère et d'ivresse,
Mais on le voit à peine, on en sort, on a peur
Je l'habit pourtant, j'y passe na jeunesse...
Hélas! ce pays, c'est mon coeur.

LUZ ENTRE SOMBRAS

É NOITE medonha e escura,
Muda como o passamento,
Uma só no firmamento
Trêmula estrela fulgura.

Fala aos ecos da espessura
A chorosa harpa do vento,
E num canto sonolento
Entre as árvores murmura.

Noite que assombra a memória,
Noite que os medos convida
Erma, triste, merencória.

No entanto... minh'alma olvida
Dor que se transforma em glória,
Morte que se rompe em vida.

LIRA CHINESA
I / O POETA A RIR
(HAN-TIÊ)

TAÇA D'ÁGUA parece o lago ameno;
Têm os bambus a forma de cabanas,
Que as árvores em flor, mais altas, cobrem
Com verdejantes tectos

As pontiagudas rochas entre flores,

Dos pagodes o grave aspecto ostentam...
Faz-me rir ver-te assim, ó natureza,
Cópia servil dos homens.

II / A UMA MUI IIER (TCHÊ-TSI)

Cantigas modulei ao som da flauta,
Da minha flauta d'ébano;

Nelas minh'alma segredava à tua
Fundas, sentidas mágoas.

Cerraste-me os ouvidos. Namorados
Versos compus de júbilo,

Por celebrar teu nome, as graças tuas,
Levar teu nome aos séculos.

Olhaste, e, meneando a airosa frente,
Com tuas mãos puríssimas,

Folhas em que escrevi meus pobres versos
Lançaste às ondas trêmulas.

Busquei então por encantar tu'alma
Uma safira esplêndida,

Fui depô-la a teus pés... tu descerraste
Da tua boca as pérolas.

III / O IMPERADOR (THU-FU)

Olha. O Filho do Céu, em trono de ouro,
E adornado com ricas pedrarias,
Os mandarins escuta: —um sol parece
De estrelas rodeado.

Os mandarins discutem gravemente
Cousas muito mais graves. E ele? Foge-lhe
O pensamento inquieto e distraído
Pela janela aberta.

Além, no pavilhão de porcelana,
Entre donas gentis está sentada
A imperatriz, qual flor radiante e pura
Entre viçosas folhas.

Pensa no amado esposo, arde por vê-lo,

Prolonga-se-lhe a ausência, agita o leque...
Do imperador ao rosto um sopro chega
De recendente brisa.

"Vem dela este perfume", diz, e abrindo
Caminho ao pavilhão da amada esposa,
Deixa na sala, olhando-se em silêncio,
Os mandarins pasmados.

IV / O LEQUE (TAN-JO-LU)

Na perfumada alcova a esposa estava.
Noiva ainda na véspera. Fazia
Calor intenso; a pobre moça ardia,
Com fino leque as faces refrescava.
Ora, no leque em boa letra feito
Havia neste conceito:

"Quando, imóvel o vento e o ar pesado,
Arder o intenso estio
Serei por mão amiga ambicionado;
Mas, volte o tempo frio,

Ver-me-eis a um canto logo abandonado".
Lê a esposa este aviso, e o pensamento
Volve ao jovem marido.

"Arde-lhe o coração neste momento
(Diz ela) e vem buscar enternecido
Brandas auras de amor. Quando mais tarde
Tornar-se em cinza fria
O fogo que hoje lhe arde,

Talvez me esqueça e me desdenhe um dia."

V / A FOLHA DO SALGUEIRO (TCHAN-TIÚ-LIN)

Amo aquela formosa e terna moça
Que, à janela encostada, arfa e suspira;
Não porque tem do largo rio à margem
Casa faustosa e bela.

Amo-a, porque deixou das mãos mimosas
Verde folha cair nas mansas águas.

Amo a brisa de leste que sussurra,
Não porque traz nas asas delicadas
O perfume dos verdes pessegueiros
Da oriental montanha.

Amo-a porque impeliu coas tênues asas
Ao meu batel a abandonada folha.

Se amo a mimosa folha aqui trazida,
Não é porque me lembre à alma e aos olhos
A renascente, a amável primavera,
 Pompa e vigor dos vales.

Amo a folha por ver-lhe um nome escrito,
Escrito, sim, por ela, e esse... é meu nome.

VI / AS FLORES E OS PINHEIROS (TIN-TUN-SING)

Vi os pinheiros no alto da montanha
 Ouriçados e velhos;

E ao sopé da montanha, abrindo as flores
 Os cálices vermelhos.

Contemplando os pinheiros da montanha,
 As flores tresloucadas

Zombam deles enchendo o espaço em torno
 De alegres gargalhadas.

Quando o outono voltou, vi na montanha
 Os meus pinheiros vivos,

Branco de neve, e meneando ao vento
 Os galhos pensativos.

Volvi o olhar ao sítio onde escutara
 Os risos mofadores;

Procurei-as em vão; tinham morrido
 As zombeteiras flores.

VII / REFLEXOS (THU-FU)

Vou rio abaixo vogando
No meu batel e ao luar;
Nas claras águas fitando,
 Fitando o olhar.

Das águas vejo no fundo,
Como por um branco véu
Intenso, calmo, profundo,
 O azul do céu.

Nuvem que no céu flutua,
Flutua n'água também;

Se a lua cobre, à outra lua
Cobri-la vem.

Da amante que me extasia,
Assim, na ardente paixão,
As raras graças copia
Meu coração.

VIII / CORAÇÃO TRISTE FALANDO AO SOL
(SU-TCHON)

No arvoredado sussurra o vendaval do outono,
Deita as folhas à terra, onde não há florir,
E eu contemplo sem pena esse triste abandono,
Só eu as vi nascer, vejo-as só eu cair.
Como a escura montanha, esguia e pavorosa,
Faz, quando o sol descamba, o vale enoitecer,
Esta montanha da alma, a tristeza amorosa,
Também de ignota sombra enche todo o meu ser.
Transforma o frio inverno a água em pedra dura,
Mas torna a pedra em água um raio de verão;
Vem, ó sol, vem, assume o trono teu na altura,
Vê se podes fundir meu triste coração.

UMA ODE DE ANACREONTE

(A MANUEL DE MELO)

PERSONAGENS:

LÍSIAS. CLEON. MIRTO.

TRÊS ESCRAVOS

A cena é em Samos.

Sala de festim em casa de Lísias. À esquerda a mesa do festim; à direita uma mesa tendo em cima uma lâmpada apagada, e junto da lâmpada um rolo de papiro.

CENA PRIMEIRA: LÍSIAS, CLEON, MIRTO

(Estão no fim de um banquete, os
dous homens deitados à maneira
antiga, MIRTO sentada entre as
dous leitos. Três escravos)

LÍSIAS Melancólica estás, bela Mirto. Bebamos!
Aos prazeres!

CLEON Eu bebo à memória de Samos.
Samos vai terminar os seus dourados dias;
Adeus, terra em que achei consolo às agonias
Da minha mocidade; adeus, Samos, adeus!

MIRTO Querem-lhe os deuses mal?

CLEON Não; dous olhos, os teus.

LÍSIAS Bravo, Cleon!

MIRTO Poeta! os meus olhos?

CLEON São lumes
Capazes de abrasar até os próprios numes.
Samos é nova Tróia, e tu és outra Helena.
Quando Lesbos, a mãe de Safo, a ilha amena,
Não vir a bela Mirto, a alegre cortesã,
Armar-se-á contra nós

LÍSIAS Lesbos é boa irmã.

MIRTO Outras belezas tem, dignas da loura Vênus.

CLEON Menos dignas que tu.

MIRTO Mais do que eu.

LÍSIAS Muito menos.

CLEON Tens vergonha de ser formosa e festejada,
Mirto? Vênus não quer beleza envergonhada.
Pois que dos imortais houveste esse condão
De inspirar quantos vês, inspira-os, Mirto.

MIRTO Não;
São teus olhos, poeta, eu não tenho a beleza
Que arrasta corações.

CLEON Divina singeleza!

LÍSIAS (à parte)
Vejo através do manto as galas da vaidade.
(alto)

Vinho, escravo!

(O escravo deita vinho na taça de Lísias)
Poeta, um brinde à mocidade.
Trava da lira e invoca o deus inspirador.

CLEON "Feliz quem junto a ti, ouve a tua fala, amor!"

MIRTO Versos de Safo!

CLEON Sim.

LÍSIAS Vês? é modéstia pura
Ele é na poesia o que és na formosura.
Faz versos de primor e esconde-os ao profano;
Tem vergonha. Eu não sei se o vício é lesbiano. . .

MIRTO Ah! tu és. . .

CLEON Lesbos foi minha pátria também,
Lesbos, a flor do Egeu.

MIRTO Já não é?

CLEON Lesbos tem
Tudo o que me fascina e tudo o que me mata:
As festas do prazer e os olhos de uma ingrata.
Fugi da pátria e achei, já curado e tranqüilo,
Em Lísias um irmão, em Samos um asilo.
Bem hajas tu que vens encher-me o coração!

LÍSIAS Insaciável! Não tens em Lísias um irmão?

MIRTO Volto à pátria.

CLEON Pois quê! tu vais?

MIRTO Em poucos dias. . .

LÍSIAS Fazes mal; tens aqui os moços e as folias,
O gozo, a adoração; que te falta?

MIRTO Os meus ares.

CLEON A que vieste então?

MIRTO Sucessos singulares.
Vim por acompanhar Lisicles, mercador
De Naxos, tanto pode a constancia no amor!
Corremos todo o Egeu e a costa iônia; fomos
Comprar o vinho a Creta e a Tênedos os pomos.
Ah! como é doce o amor na solidão das águas!
Tem-se vida melhor- esquecem-se-lhe as mágoas.
Zéfiro ouviu por certo os ósculos febris,
Os júbilos do afeto, as falas juvenis;
Ouviu-os, delatou ao deus que o mar governa
A indiscreta ventura, a efusão doce e terna.
Para a fúria acalmar da sombria deidade,
Nave e bens varreu tudo a horrível tempestade.
Foi assim que eu perdi a Lisicles, assim
Que eu semimorta e fria à tua plaga vim.

CLEON Oh! coitada!

LÍSIAS O infortúnio os ânimos apura;
As feridas que faz o mesmo Amor as cura;
Brandem armas iguais Aquiles e Cupido.
Queres ver noutro amor o teu amor perdido?
Samos o tem de sobra.

CLEON Eu, Mirto, eu sei amar

Não fio o coração da inconstância do mar.
Não tenho galeões rompendo o seio a Tétis
Estrada tanta vez ao torvo e obscuro Letes.
Aqui me tens; sou teu; escreve a minha sorte;
Podes doar-me a vida ou decretar-me a morte.

MIRTO Mas, se eu volto. . .

CLEON Pois bem! aonde quer que te vás
Irei contigo; a deusa indômita e falaz
Ser-me-á hóspede amiga; ao pé de ti a escura
Noite parece aurora, e é berço a sepultura.

MIRTO Quando fala o dever, a vontade obedece;
Eu devo ir só; tu ficas, ama-me um pouco e esquece.

LÍSIAS Tens razão, bela Mirto; escuta o teu dever.

MIRTO Ai! é fácil amar, difícil esquecer.

LÍSIAS (a MIRTO)
Queres pôr termo à festa? Um brinde a Vênus, filha
Do mar azul, beleza, encanto, maravilha;
Nascida para ser perpetuamente amada.
A Vênus!

*(Depois do brinde os escravos tra-
zem os vasos com água perfuma-
da em que os convivas lavam as mãos;
os escravos saem, levando os restos
do banquete. Levantam-se todos.)*

Queres tu, mimosa naufragada,
Ouvir de hemônia serva, em lira de marfim,
Uma alegre canção? Preferes o jardim?
O pórtico talvez?

MIRTO Lísias, sou indiscreta;
Quisera antes ouvir a voz do teu poeta.

LÍSIAS Nume não pede, impõe.

CLEON O mando é lisonjeiro.

LÍSIAS Pois começa.

CENA II: *Os mesmos, um escravo.*
Procura a Mirto um mensageiro.

MIRTO Um mensageiro! a mim!

LÍSIAS Manda-o entrar.

ES CRAVO Não quer.

LÍSIAS Vai, Mirto.

MIRTO (*saindo*) Volto já.

(*Sai o ESCRAVO*).

CENA III: LÍSIAS, CLEON.

CLEON (*Olhando para o lugar por onde MIRTO saiu*)

Oh! deuses! que mulher!

LÍSIAS Ah! que pérola rara!

Onde a encontraste?

LÍSIAS Achei-a

Com Partênis que dava uma esplêndida ceia;
Partênis, ex-bonita, ex-jovem, ex-da-moda,
Sabes que vê fugir-lhe a enfasiada roda;
E, para não perder o grupo adorador,
Fez do templo deserto uma escola de amor.
Foi ela quem achou a naufraga perdida,
Exposta ao vento e ao mar, quase a expirar-lhe a vida.
A beleza pagava o emprego de uma esmola;
Dentro em pouco era Mirto a flor de toda a escola.

CLEON Lembrou-te convidá-la então para um festim?

LÍSIAS Foi um pouco por ela e um pouco mais por mim.

CLEON Também amas?

LÍSIAS Eu sou mestre em matéria de amor.
Vênus e o louro Apolo, a poesia e a beleza.

CLEON Oh! a beleza, sim! Viste já tanta graça,
Tão celestes feições?

LÍSIAS Cuidado! Aquela caça
Zomba dos tiros vãos de ingênuo caçador!

CLEON Incrédulo !

LÍSIAS Eu sou mestre em matéria de amor.
Se tu, atento e calmo, a narração lhe ouvisses
Conheceras melhor o engenho desta Ulisses.
Aquele ardente amor a Lisicles, aquele
Fundo e intenso pesar que à sua pátria a impele,
Armas são com que a astuta os ânimos seduz.

CLEON Oh! não creio.

LÍSIAS Por quê?

CLEON Não vês como lhe luz
Tanta expressão sincera em seus olhos divinos?

LÍSIAS Sim, tem muita expressão... para iludir meninos.

CLEON Pois tu não crês?

LÍSIAS Em quê? No naufrágio? Decerto.
Em Lisicles? Talvez. No amor? É mais incerto.
Na intenção de voltar a Lesbos? Isso não!
Sabes o que ela quer? Prender um coração.

CLEON Impossível!

LÍSIAS Poeta! estás na alegre idade
Em que a ciência da vida é a credulidade.
Vês tudo azul e em flor; eu já me não iludo.
Pois amar cortesãs! isso demanda estudo,
Não vai assim, que as tais abelhitas do amor
Correm de bolsa em bolsa e não de flor em flor.

CLEON Mas não as amas tu?

LÍSIAS Decerto à minha moda,
Meu grande coração cos vícios se acomoda;
Sacrifícios de amor não sonha nem procura;
Não lhes pede ilusões, pede-lhes só ternura.
Não me empenho em achar alma ungida no céu:
Se é crime este sentir, confesso-me, sou réu.
Não peço amor ao vinho- irei pedi-lo às damas?
Delas e dele exijo apenas estas chamadas
Assim é que eu estimo as ânforas e os beijos.
Lá protestos de amor, eternos e leais,
Tudo isso é fumo vão. Que queres? Os mortais
Somos todos assim.

CLEON Ai, os mortais! dize antes
Os filósofos maus, ridículos pedantes
Os que não sabem crer, os fartos já de amores
Esses sim. Os mortais !

LÍSIAS Refreia os teus furores
Poeta; eu não quisera amargurar-te, e enfim
Não podia supor que a amasses tanto assim.
Cáspite! Vais depressa!

CLEON Ai, Lísias, é verdade,
Amo-a, como não amo a vida e a mocidade;
De que modo nasceu esta afeição que encerra
Todo o meu ser, ignoro. Acaso sabe a terra
Por que é mais bela ao sol e às auras matinais?
Amores estes são terríveis e fatais.

LÍSIAS Vês com olhos do céu cousas que são do mundo;
Acreditas achar esse afeto profundo,
Nestas filhas do mal! Se a todo o transe queres
Obter a casta flor dos célicos prazeres
Deixa a alegre Corinto e todo o luxo seu;
Outro porto acharás: procura o gineceu.
Escolhe aquele amor doce, inocente e puro,
Que ainda não tem passado e vive do futuro.
Para mim, já to disse, o caso é diferente;

Não me importa um nem outro; eu vivo no presente.

CLEON Deu-te amiga Fortuna um grande cabedal:
Viver, sem ilusões, no bem como no mal;
Não conhecer o amor que morde, que se nutre
Do nosso sangue, o amor funesto, o amor abutre;
Não beber gota a gota este brando veneno
Que requeira e destrói; não ver em mar sereno
Subitamente erguer-se a voz dos aquilões.
Afortunado és tu.

LÍSIAS Lei de compensações!
Sou filósofo mau, ridículo pedante
Mas invejas-me a sorte; oh! lógica de amante.

CLEON É a do coração.

LÍSIAS Terrível mestre!

CLEON Ensina
Dos seres imortais a transfusão divina!

LÍSIAS A lição é profunda e escapa ao meu saber;
Outra escola professo, a escola do prazer!

CLEON Tu não tens coração.

LÍSIAS Tenho. mas não me ilude,
É Circe que perdeu o encanto e a juventude.

CLEON Velho Sátiro!

LÍSIAS Justo: um semideus silvestre.
Nestas cousas do amor nunca tive outro mestre.
Tu gostas de chorar; eu cá prefiro rir.
Três artigos de lei: gozar, beber, dormir.

CLEON Compras com isso a paz; a mim coube-me o tédio,
A solidão e a dor.

LÍSIAS Queres um bom remédio,
Um filtro da Tessália, um bálsamo infalível?
Esquece empresas vãs, não tentes o impossível;
Prende o teu coração nos laços de Himeneu;
Casa-te; encontrarás o amor no gineceu.
Mas cortesãs! Jamais! São Górgones! Medusas!

CLEON Essas que conheceste e tão severo acusas
- Pobres moças! - não são o universal modelo;
De outras sei a quem coube um coração singelo,
Que preferem a tudo a glória singular
De conhecer somente a ciência de amar;
Capazes de sentir o ardor da intensa chama
Que eleva, que resgata a vida que as infama.

LÍSIAS Se achares tal milagre, eu mesmo irei pedir-to.

CLEON Basta um passo, achá-lo-ei.

LÍSIAS Bravo ! chama-se?

CLEON Mirto.

Que pode conquistar até o amor de um deus!

LÍSIAS Crês nisso?

CLEON Por que não?

Tu és um néscio; adeus!

CENA IV: CLEON

CLEON Vai, céptico! tu tens o vicio da riqueza:

Farto, não crês na fome... A minha singeleza

Faz-te rir; tu não vês o amor que absorve e mata;

Mirto, vingame tu da calúnia insensata;

Amemo-nos. É ela!

CENA V: CLEON, MIRTO

MIRTO Estás triste!

CLEON Oh! que não!

Mas deslumbrado, sim, como se uma visão...

MIRTO A visão vai partir.

CLEON Mas muito tarde...

MIRTO Breve.

CLEON Quem te chama?

MIRTO O destino. E sabes quem me escreve?

CLEON Tua mãe.

MIRTO Já morreu.

CLEON Algum antigo amante?

MIRTO Lisicles.

CLEON Vive?

MIRTO Sim. Depois de andar errante

Numa tábua, à mercê das ondas, quis o céu

Que viesse encontrá-lo um barco do Pireu.

Pobre Lisicles! teve em tão cruenta lida

A dor da minha morte e a dor da própria vida.

Em vão interrogava o mar cioso e mudo.

Perdera, de uma vez, numa só noite, tudo,
A ventura, a esperança, o amor, e perdeu mais:
Naufragaram com ele os poucos cabedais.
Entrou em Samos pobre, inquieto, semimorto,
Um barqueiro, que a tempo atravessava o porto,
Disse-lhe que eu vivia, e contou-lhe a aventura
Da malfadada Mirto.

CLEON É isso, a sorte escura
Voltou-se contra mim; não consente, não quer
Que eu me farte de amor no amor de uma mulher.
Vejo em cada paixão o fado que me oprime;
O amar é já sofrer a pena do meu crime.
Ixion foi mais audaz amando a deusa augusta;
Transpôs o obscuro lago e sofre a pena justa;
Mas eu não. Antes de ir às regiões infernais
São as graças comigo Eumênides fatais!

MIRTO Caprichos de poeta! Amor não falta às damas;
Damas, tem-las aqui; inspira-lhe essas chamadas.

CLEON Impõe-se leis ao mar? O coração é isto;
Ama o que lhe convém; convém amar a Egisto
Clitemnestra, convém a Cíntia Endimião;
É caprichoso e livre o mar do coração;
De outras sei que eu houvera em meus versos cantado;
Não Ihes quero... não posso.

MIRTO Ai, triste enamorado!

CLEON E tu zombas de mim!

MIRTO Eu zombar? Não, lamento
A tua acerba dor, o teu fatal tormento.
Não conheço eu também esse cruel penar?
Só dous remédios tens; esquecer, esperar.
De quanto almeja e quer o amor nem tudo alcança;
Contenta-se ao nascer coas auras da esperança;
Vive da própria mágoa; a própria dor o alenta.

CLEON Mas, se a vida é tão curta, a agonia é tão lenta!

MIRTO Não sabes esperar? Então cumpre esquecer.
Escolhe entre um e outro; é preciso escolher.

CLEON Esquecer? sabes tu, Mirto, se a alma esquece
O prazer que a fulmina, e a dor que a fortalece?

MIRTO Tens na ausência e no tempo os velhos pais do olvido;
O bem não alcançado é como o bem perdido,
Pouco a pouco se esvai na mente e coração;
Põe o mar entre nós... dissipa-se a ilusão.

CLEON Impossível!

MIRTO Então espera; algumas vezes

A fortuna transforma em glórias os reveses.

CLEON Mirto, valem bem pouco as glórias já tardias.

MIRTO Urn só dia de amor compensa estéreis dias.

CLEON Compensará, mas quando? A mocidade em flor
Bem cedo morre, e é essa a que convém a amor.
Vejo cair no ocaso o sol da minha vida.

MIRTO Cabeça de poeta, exaltada e perdida!
Pensas estar no ocaso o sol que mal desponta?

CLEON A clepsidra do amor não conta as horas, conta
As ilusões; velhice é perdê-las assim;
Breve a noite abraça seus véus por sobre mim.

MIRTO Não há de envelhecer; as ilusões contigo
Flores são que respeita Éolo brando e amigo.
Guarda-as, talvez um dia, e não tarde, as colhemos.

CLEON Se eu a Lesbos não vou.

MIRTO Podem colher-se em Samos.

CLEON Voltas breve?

MIRTO Não sei.

CLEON Oh! sim, deves voltar!

MIRTO Tenho medo.

CLEON De quê?

MIRTO Tenho medo... do mar.

CLEON Teu sepulcro já foi; o medo é justo; fica.
Lesbos é para ti mais formosa e mais rica.
Mas a pátria é o amor; o amor transmuda os ares.
Muda-se o coração? Mudam-se os nossos lares.
Da importuna memória o teu passado exclui;
Vida nova nos chama, outro céu nos influi.
Fica; eu disfarçarei com rosas este exílio;
A vida é um sonho mau; façamo-la um idílio.
Cantarei a teus pés a nossa mocidade,
A beleza que impõe, o amor que persuade,
Vênus que faz arder o fogo da paixão,
Teu olhar, doce luz que vem do coração.
Péricles não amou com tanto ardor a Aspásia,
Nem esse que morreu entre as pombas da Ásia,
A Laís siciliana. Aqui as Horas belas
Tecerão para ti vivíssimas capelas.
Nem morrerás; teu nome em meus versos há de ir,
Vencendo o tempo e a morte, aos séculos por vir.

MIRTO Tanto me queres tu!

CLEON Imensamente. Anseio
Por sentir, bela Mirto, arfar teu brando seio,
Bater teu coração, tremer teu lábio puro,
Todo viver de ti.

MIRTO Confia no futuro.

CLEON Tão longe!

MIRTO Não, bem perto.

CLEON Ah! que dizes?

MIRTO Adeus!
*(Passa junto da mesa da direita
e vê o rolo de papiro)*
Curiosa que sou!

CLEON São versos.
Versos teus?
(LÍSIAS aparece ao fundo)

CLEON De Anacreonte, o velho, o amável, o divino.

MIRTO A musa é toda iônia, e o estro é peregrino.
(Abre o papiro e lê)

"Fez-se Niobe em pedra e Filomena em pássaro.
Assim
Folgaria eu também me transformasse Júpiter
A mim.
Quisera ser o espelho em que o teu rosto mágico
Sorri;
A túnica feliz que sempre se está próxima
De ti;
O banho de cristal que esse teu corpo cândido
Contém;
O aroma de teu uso e donde eflúvios mágicos
Provém;
Depois esse listão que de teu seio túrgido
Faz dous;
Depois do teu pescoço o rosicler de pérolas;
Depois . . .
Depois, ao ver-ter assim, a única e tão sem êmulas
Qual és,
Até quisera ser teu calçado, e pisarem-me
Teus pés". *

Que magníficos são!

CLEON Minha alma assim te fala.

MIRTO Atendendo ao poeta eu pensava escutá-la.

CLEON Eco do meu sentir foi o velho amador;
Tais os desejos são do meu profundo amor.

Sim, eu quisera ser tudo isto, — o espelho, o banho,
O calçado, o colar... Desejo acaso estranho,
Louca ambição talvez de poeta exaltado...

MIRTO Tanto sentes por mim'?

CENA VI: CLEON, MIRTO, LÍSIAS

LÍSIAS (*entrando*)
Amor, nunca sonhado.
Se a musa dele és tu!

CLEON Lísias!

MIRTO Ouviste?

LÍSIAS Ouvi .
Versos que Anacreonte houvera feito a ti,
Se vivesses no templo em que, pulsando a lira,
Estas odes compôs que a velha Grécia admira.

(A CLEON)

Quer falar-te um sujeito, um Clínias, um colega,
Ex-mercador, como eu.

MIRTO Ai, que importuno!

Alega

LÍSIAS Que não pode esperar, que isto não pode ser,
Que um processo... Afinal não no pude entender.
Pode ser que contigo o homem se acomode.
Prometeste talvez compor-lhe alguma ode?

CLEON Não. Adeus, bela Mirto; espera-me um instante

MIRTO Não tardes!

LÍSIAS (*à parte*)
Indiscreta!

CLEON Espera.

LÍSIAS Petulante!

CENA VII: MIRTO, LÍSIAS

MIRTO Sou curiosa. Quem é Clínias, ex-mercador?
Amigo dele?

LÍSIAS Mais do que isso; é um credor.

MIRTO Ah!

LÍSIAS Que belo rapaz! que alma ferosa e pura,
Bem digna de aspirar-te um hausto de ventura!
Queira o céu pôr-lhe termo à profunda agonia,

Surja enfim para ele o sol de um novo dia.
Merece-o. Mas vê lá se há destino pior;
Que o alado Mercúrio obstar o alado Amor.
Com beijos não se paga a pompa do vestido,
O espetáculo e a mesa; e se o gentil Cupido
Gosta de ouvir canções, o outro não vai com elas;
Vale uma dracma só vinte odezinhas belas.
Um poema não compra um simples borzeguim.
Versos! são bons de ler, mais nada; eu penso assim.

MIRTO Pensas mal! A poesia é sempre um dom celeste;
Quando o gênio o possui quem há que o não requeira?
Hermes, com ser o deus dos graves mercadores,
Tocou lira também.

LÍSIAS Já sei que estás de amores.

MIRTO Que esperança! Bem vêes que eu já não posso amar.

LÍSIAS Perdeste o coração?

MIRTO Sim; perdi-o no mar.

LÍSIAS Pesquemo-lo; talvez essa pérola fina
Venha ornar-me a existência agourada e mofina.

MIRTO Mofina?

LÍSIAS Pois então? Enfaram-me estas belas
Da terra samiana; assaz vivi por elas.
Outras desejo amar, filhas do azul Egeu.
Varia de feições o Amor, como Proteu.

MIRTO Seu caráter melhor foi sempre o ser constante.

LÍSIAS Serei menos fiel, não sou menos amante.
Cada beleza em si toda a paixão resume.
Pouco me importa a flor; importa-me o perfume.

MIRTO Mas quem quer o perfume afaga um pouco a flor;
Nem fere o objeto amado a mão que implora o amor.

LÍSIAS Ofendo-te com isto? Esquece a minha ofensa.

MIRTO Já a esqueci; passou.

LÍSIAS Quem fala como pensa
Arrisca-se a perder ou por sobra ou por minguia.
Eu confesso o meu mal; não sei tentar a língua.
Pois que me perdoaste, escuta-me. Tu tens
A graça das feições, o sumo bem dos bens
Moça, trazes na fronte o doce beijo de Hebe
Como um filtro de amor que, sem sentir, se bebe
De teus olhos destila a eterna juventude
De teus olhos que um deus, por Ihes dar mais virtude
Faz azuis como o céu, profundos como o mar.

Quem tais dotes reúne, ó Mirto, deve amar.

MIRTO Falas como um poeta, e zombas da poesia!

LÍSIAS Eu, poeta? jamais.

MIRTO A tua fantasia
Respirou certamente o ar do monte Himeto.
Tem a expressão tão doce!

LÍSIAS É a expressão do afeto.
Sou em cousas de Apolo um simples amador.
A minha grande musa é Vênus, mãe do Amor.
No mais não aprendi (os fados meus adversos
Vedaram-mo!) a cantar bons e sentidos versos.
Cleon, esse é que sabe acender tantas almas
Conquistar de um só lance os corações e as palmas.

MIRTO Conquistar, oh! que não!

LÍSIAS Mas agradar?

MIRTO Talvez.

LÍSIAS Isso mesmo; é já muito. O que o poeta fez
Fá-lo-ei jamais? Contudo, inda tentá-lo quero;
Se não me inspira a musa, alma filha de Homero,
Inspira-me o desejo, a musa que delira,
E o seu canto concerta aos sons da eterna lira.

MIRTO Também desejas ser alguma cousa?

LÍSIAS Não;
Eu caso o meu amor às regras da razão.
Cleon quisera ser o espelho em que teu rosto
Sorri; eu, bela Mirto, eu tenho melhor gosto.
Ser espelho! ser banho! e túnica! Tolice!
Estéril ambição! loucura! criancice!
Por Vênus! sei melhor o que a mim me convém.
Homem sisudo e grave outros desejos tem.
Fiz, a este respeito, aprofundado estudo;
Eu não quero ser nada; eu quero dar-te tudo.
Escolhe o mais perfeito espelho do aço fino,
A túnica melhor de pano tarentino,
Vasos de óleo, um colar de pérolas, -enfim
Quanto enfeita uma dama aceitá-lo-ás de mim.
Brincos que vão ornar-te a orelha graciosa;
Para os dedos o anel de pedra preciosa;
A tua fronte pede áureo, rico anadema;
Tê-lo-ás, divina Mirto. É este o meu poema.

MIRTO É lindo!
Queres tu, outras estrofes mais?

LÍSIAS Dar-tas-ei quais as teve a celebrada Laís.
Casa, rico jardim, servas de toda a parte;

E estátuas e painéis, e quantas obras d'arte
Podem servir de ornato ao templo da beleza,
Tudo haverás de mim. Nem gosto nem riqueza
Te há de faltar, mimosa, e só quero um penhor.
Quero... quero-te a ti.

MIRTO Pois quê! já que a flor,
Quem desdenhando a flor, só lhe pede o perfume?

LÍSIAS Esqueceste o perdão?

MIRTO Ficou-me este azedume.

LÍSIAS Vênus pode apagá-lo.

MIRTO Eu sei! creio e não creio.

LÍSIAS Hesitar é ceder; agrada-me o receio.
Em assunto de amor vontade que flutua
Estás prestes a entregar-se. Entregas-te?

MIRTO Sou tua!

CENA VIII: LÍSIAS, MIRTO, CLEON

CLEON Demorei-me demais?

LÍSIAS Apenas o bastante
Para que fosse ouvido um coração amante.
A Lesbiana é minha.

CLEON És dele, Mirto!

MIRTO Sim.
Eu ainda hesitava, ele falou por mim.

CLEON Quantos amores tens, filha do mal?

LÍSIAS Pressinto
Uma lamentação inútil. "A Corinto
Não vai quem quer", lá diz aquele velho adágio.
Navegavas sem leme; era certo o naufrágio.
Não me viste sulcar as mesmas águas'?

CLEON Vi
Mas contava com ela, e confiava em ti.
Mais duas ilusões! Que importa? Inda são poucas;
Desfaçam-se uma a uma estas quimeras loucas.
Ó árvore bendita, ó minha juventude,
Vão-te as flores caindo ao vento áspero e rude!
Não vos maldigo, não; eu não maldigo o mar
Quando a nave soçobra, o erro é confiar.
Adeus, formosa Mirto; adeus, Lísias; não quero
Perturbar vosso amor, eu que já nada espero;
Eu que vou arrancar as profundas raízes

Desta paixão funesta; adeus, sede felizes!

LÍSIAS Adeus! Saudemos nós a Vênus e a Lieu.

AMBOS *Io Poenan!* ó Baco! Himeneu! Himeneu!

PÁLIDA ELVIRA

A FRANCISCO PAZ

Ulysse, jeté sur les rives d'Ithaque, ne les reconnaît pas et pleure sa patrie. Ainsi l'homme dans le bonheur possédé ne reconnaît pas son rêve et soupire.

Daniel Stern

I

QUANDO, leitora amiga, no ocidente
Surge a tarde esmaiada e pensativa;
E entre a verde folhagem recendente
Lânguida geme viração lasciva;
E já das tênues sombras do oriente
Vem apontando a noite, e a *casta diva*
Subindo lentamente pelo espaço,
Do céu, da terra observa o estreito abraço;

II

Nessa hora de amor e de tristeza,
Se acaso não amaste e acaso esperas
Ver coroar-te a juvenil beleza
Casto sonho das tuas primaveras
Não sentes escapar tua alma acesa
Para voar às lúcidas esferas?
Não sentes nessa mágoa e nesse enleio
Vir morrer-te uma lágrima no seio?

III

Sente-lo? Então entenderás, Elvira,
Que assentada à janela, erguendo o rosto,
O vôo solta à alma que delira
E mergulha no azul de um céu de agosto;
Entenderás então por que suspira,
Vítima já de um íntimo desgosto,
A meiga virgem, pálida e calada,
Sonhadora, ansiosa e namorada.

IV

Mansão de riso e paz, mansão de amores
Era o vale. Espalhava a natureza,
Com dadivosa mão, palmas e flores
De agreste aroma e virginal beleza;
Bosques sombrios de imortais verdores,
Asilo próprio à inspiração acesa,

Vale de amor, aberto às almas ternas
Neste vale de lágrimas eternas.

V

A casa, junto à encosta de um outeiro
Alva pomba entre folhas parecia;
Quando vinha a manhã, o olhar primeiro
Ia beijar-lhe a verde gelosia;
Mais tarde a fresca sombra de um coqueiro
Do sol quente a janela protegia;
Pouco distante, abrindo o solo adusto,
Um fio d'água murmurava a custo.

VI

Era uma jóia a alcova em que sonhava
Elvira, alma de amor. Tapete fino
De apurado lavor o chão forrava.
De um lado oval espelho cristalino
Pendia. Ao fundo, à sombra, se ocultava
Elegante, engraçado, pequenino
Leito em que, repausando a face bela,
De amor sonhava a pálida donzela.

VII

Não me censure o crítico exigente
O ser pálida a moça é meu costume
Obedecer à lei de toda a gente
Que uma obra compõe de algum volume.
Ora, no nosso caso, é lei vigente
Que um descorado rosto o amor resume.
Não tinha *Miss Smolen* outras cores;
Não as possui quem sonha com amores.

VIII

Sobre uma mesa havia um livro aberto;
Lamartine, o cantor aéreo e vago,
Que enche de amor um coração deserto;
Tinha-o lido; era a página do *Lago*.
Amava-o; tinha-o sempre ali bem perto
Era-lhe o anjo bom, o deus, o orago;
Chorava aos cantos da divina lira...
É que o grande poeta amava Elvira!

IX

Elvira! o mesmo nome! A moça os lia,
Com lágrimas de amor, os versos santos,
Aquela eterna e lânguida harmonia
Formada com suspiros e com prantos;
Quando escutava a musa da elegia
Cantar de Elvira os mágicos encantos,
Entrava-lhe a voar a alma inquieta,

E com o amor sonhava de um poeta.

X

Ai, o amor de um poeta! amor subido!
Indelével, puríssimo, exaltado,
Amor eternamente convencido,
Que vai além de um túmulo fechado,
E que através dos séculos ouvido
O nome leva do objeto amado
Que faz de Laura um culto, e tem por sorte
Negra fouce quebrar nas mãos da morte.

XI

Fosse eu moça e bonita. . . Neste lance
Se o meu leitor é já homem sisudo,
Fecha tranqüilamente, o meu romance,
Que não serve a recreio nem a estudo;
Não entendendo a força nem o alcance
De semelhante amor, condena tudo:
Abre um volume sério, farto e enorme,
Algumas folhas lê, boceja... e dorme.

XII

Nada perdes, leitor, nem perdem nada
As esquecidas musas; pouco importa
Que tu, vulgar matéria condenada,
Aches que um tal amor é letra morta.
Podes, cedendo à opinião honrada,
Fechar à minha Elvira a esquiva porta.
Almas de prosa chã, quem vos daria
Conhecer todo o amor que há na poesia?

XIII

Ora, o tio de Elvira, o velho Antero,
Erudito e filósofo profundo,
Que sabia de cor o velho Homero,
E compunha os anais do Novo Mundo;
Que escrevera uma vida de Severo
Obra de grande tomo e de alto fundo;
Que resumia em si a Grécia e Lácio,
E num salão falava como Horácio;

XIV

Disse uma noite à pálida sobrinha:
"Elvira, sonhas tanto! devaneias!
Que andas a procurar, querida minha?
Que ambições, que desejos ou que idéias
Fazem gemer tua alma inocentinha?
De que esperança vã, meu anjo, anseias?
Teu coração de ardente amor suspira;
Que tens?" - "Eu? nada", respondia Elvira.

XV

"Alguma cousa tens! tornava o tio;
Por que olhas tu as nuvens do poente,
Vertendo às vezes lágrimas a fio,
Magoada expressão d'alma doente?
Outras vezes olhando a água do rio,
Deixas correr o espírito indolente
Como uma flor que ao vento ali tombara,
E a onda murmurando arrebatara.

XVI

Latet anguis in herba.. " Neste instante
Entrou a tempo o chá... Perdão, leitores,
Eu bem sei que é preceito dominante
Não misturar comidas com amores;
Mas eu não vi, nem sei se algum amante
Vive de orvalho ou pétalas de flores;
Namorados estômagos consomem;
Comem Romeus, e Julietas comem.

XVII

Entrou a tempo o chá, e foi servi-lo,
Sem responder, a moça interrogada,
Com ar tão soberano e tão tranqüilo
Que o velho emudeceu. Ceia acabada,
Fez o escritor o costumado quilo,
Mas um quilo de espécie pouco usada,
Que consistia em ler um livro velho;
Nessa noite acertou ser o Evangelho.

XVIII

Abrira em S. Mateus, naquele passo
Em que o filho de Deus diz que a açucena
Não labora nem fia, e o tempo escasso
Vive, coo ar e o sol, sem dor nem pena;
Leu e estendendo o já trêmulo braço
À triste, à melancólica pequena,
Apontou-lhe a passagem da Escritura
Onde lera lição tão reta e pura.

XIX

"Vês? diz o velho, escusas de cansar-te;
Deixa em paz teu espírito, criança:
Se existe um coração que deva amar-te,
Há de vir; vive só dessa esperança.
As venturas do amor um deus reparte;
Queres tê-las? põe nele a confiança.
Não persigas com súplicas a sorte;
Tudo se espera; até se espera a morte!

XX

A doutrina da vida é esta: espera,
Confia, e colherás a ansiada palma;
Oxalá que eu te apague essa quimera.
Lá diz o bom Demófilo que à alma,
Como traz a andorinha a primavera,
A palavra do sábio traz a calma.
O sábio aqui sou eu. Ris-te, pequena?
Pois melhor; quero ver-te uma açucena!"

XXI

Falava aquele velho como fala
Sobre cores um cego de nascença.
Pear a juventude! Condená-la
Ao sono da ambição vivaz e intensa!
Coas leves asas da esperança orná-la
E não querer que rompa a esfera imensa!
Não consentir que esta manhã de amores
Encha com frescas lágrimas as flores!

XXII

Mal o velho acabava e justamente
Não rija porta ouviu-se urna pancada.
Quem seria? Uma serva diligente,
Travando de uma luz, desceu a escada.
Pouco depois rangia brandamente
A chave, e a porta aberta dava entrada
A um rapaz embuçado que trazia
Uma carta, e ao doutor falar podia.

XXIII

Entrou na sala, e lento, e gracioso,
Descobriu-se e atirou a capa a um lado
Era um rosto poético e viçoso
Por soberbos cabelos coroado;
Grave sem gesto algum pretensioso,
Elegante sem ares de enfeitado;
Nos lábios frescos um sorriso amigo,
Os olhos negros e o perfil antigo.

XXIV

Demais, era poeta. Era-o. Trazia
Naquele olhar não sei que luz estranha
Que indicava um aluno da poesia,
Um morador da clássica montanha,
Um cidadão da terra da harmonia,
Da terra que eu chamei nossa Alemanha,
Nuns versos que hei de dar um dia a lume,
Ou nalguma gazeta, ou num volume.

XXV

Um poeta! e de noite! e capote!
Que é isso, amigo autor? Leitor amigo,
Imaginas que estás num camarote
Vendo passar em cena um drama antigo
Sem lança não conheço D. Quixote,
Sem espada é apócrifo um Rodrigo;
Herói que às regras clássicas escapa,
Pode não ser herói, mas traz a capa.

XXVI

Heitor (era o seu nome) ao velho entrega
Uma carta lacrada; vem do Norte.
Escreve-lhe um filósofo colega
Já quase a entrar no tálamo da morte.
Recomenda-lhe o filho, e lembra, e alega
A provada amizade, o esteio forte,
Com que outrora, acudindo-lhe nos transes,
Salvou-lhe o nome de terríveis lances.

XXVII

Dizia a carta mais: "Crime ou virtude,
É meu filho poeta; e corre fama
Que já faz honra à nossa juventude
Coa viva inspiração de etérea chama;
Diz ele que, se o gênio não o ilude,
Camões seria se encontrasse um Gama.
Deus o fade; eu perdôo-lhe tal sestro;
Guia-lhe os passos, cuida-lhe do estro"

XXVIII

Lida a carta, o filósofo erudito
Abraça o moço e diz em tom pausado:
"Um sonhador do azul e do infinito!
É hóspede do céu, hóspede amado.
Um bom poeta é hoje quase um mito.
Se o talento que tem é já provado,
Conte coo meu exemplo e o meu conselho;
Boa lição é sempre a voz de um velho".

XXIX

E trava-lhe da mão, e brandamente
Leva-o junto d'Elvira. A moça estava
Encostada à janela, e a esquiva mente
Pela extensão dos ares lhe vagava.
Voltou-se distraída, e de repente
Mal nos olhos de Heitor o olhar fitava,
Sentiu... Inútil fora relatá-lo;
Julgue-o quem não puder experimentá-lo.

XXX

Ó santa e pura luz do olhar primeiro!

Elo de amor que duas almas liga!
Raio de sol que rompe o nevoeiro
E casa a flor à flor! palavra amiga
Que, trocada um momento passageiro,
Lembrar parece uma existência antiga!
Língua, filha do céu, doce eloquência
Dos melhores momentos da existência!

XXXI

Entra a leitora numa sala cheia;
Vai isenta, vai livre de cuidado:
Na cabeça gentil nenhuma idéia?
Nenhum amor no coração fechado.
Livre como a andorinha que volteia
E corre loucamente o ar azulado.
Venham dous olhos, dous, que a alma buscava...
Eras senhora? ficarás escrava!

XXXII

com só olhar escravos ele e ela
Já lhes pulsa mais forte o sangue e a vida;
Rápida corre aquela noite, aquela
Para as castas venturas escolhida;
Assoma já nos lábios da donzela
Lampejo de alegria esvaecida.
Foi milagre de amor, prodígio santo.
Quem mais fizera? Quem fizera tanto?

XXXIII

Preparara-se ao moço um aposento.
Oh! reverso da antiga desventura!
Tê-lo perto de si! viver do alento
De um poeta, alma lânguida, alma pura!
Dá-lhe, ó fonte do casto sentimento,
Águas santas, batismo de ventura!
Enquanto o velho, amigo de outra fonte,
Vai mergulhar-se em pleno Xenofonte.

XXXIV

Devo agora contar, dia por dia,
O romance dos dous? Inútil fora;
A história é sempre a mesma; não varia
A paixão de um rapaz e uma senhora.
Vivem ambos do olhar que se extasia
E conversa coa alma sonhadora;
Na mesma luz de amor os dous se inflamam,
Ou, como diz Filinto: "Amados, amam".

XXXV

Todavia a leitora curiosa
Talvez queira saber de um incidente;

A confissão dos dous; - cena espinhosa
Quando a paixão domina a alma que sente.
Em regra, confissão franca e verbosa
Revela um coração independente;
A paz interior tudo confia,
Mas o amor, esse hesita e balbucia.

XXXVI

O amor faz monossílabos; não gasta
O tempo com análises compridas;
Nem é próprio de boca amante e casta
Um chuva de frases estendidas;
Um volver d'olhos lânguido nos basta
A conhecer as chamas comprimidas;
Coração que discorre e faz estilo,
Tem as chaves por dentro e está tranqüilo.

XXXVII

Deu-se o caso uma tarde em que chovia,
Os dous estavam na varanda aberta
A chuva peneirava, e além cobria
Cinzento véu o ocaso; a tarde incerta
Já nos braços a noite recebia,
Como amorosa mãe que a filha aperta
Por enxugar-lhe os prantos magoados.
Eram ambos imóveis e calados.

XXXVIII

Juntos, ao parapeito da varanda,
Viam cair da chuva as gotas finas,
Sentindo a viração fria, mas branda,
Que balançava as frouxas casuarinas.
Raras, ao longe, de uma e de outra banda,
Pelas do céu tristíssimas campinas,
Via correr da tempestade as aves
Negras, serenas, lúgubres e graves.

XXXIX

De quando em quando vinha uma rajada
Borrifar e agitar a Elvira as tranças.
Como se fora a brisa perfumada
Que à palmeira sacode as tênuas franças.
A fronte gentilíssima e engraçada
Sacudia coa chuva as más lembranças;
E ao passo que chorava a tarde escura
Ria-se nela a aurora da ventura.

XL

"Que triste a tarde vai! que véu de morte
Cobrir parece a terra! (o moço exclama).
Reprodução fiel da minha sorte,

Sombra e choro." "Por quê? pergunta a dama;
Diz que teve dos céus uma alma forte..."
"É forte o cedro e não resiste à chama;
Leu versos meus em que zombei do fado?
Ilusões de poeta malgrado!

XXI

Somos todos assim. É nossa glória
Contra o destino opor alma de ferro;
Desafiar o mal, eis nossa história,
E o tremendo duelo é sempre um erro.
Custa-nos caro uma falaz vitória
Que nem consola as mágoas do desterro,
O desterro, - esta vida obscura e rude
Que a dor enfeita e as vítimas ilude.

XXII

Contra esse mal tremendo que devora
A seiva toda à nossa mocidade,
Que remédio haveríamos, senhora,
Senão versos de afronta e liberdade?
No entanto, bastaria acaso um' hora,
Uma só, mas de amor, mas de piedade,
Para trocar por séculos de vida
Estes de dor acerba e envilecida.

XXIII

Al não disse, e, fitando olhos ardentes
Na moça, que de enleio enrubescia,
Com discursos mais fortes e eloqüentes
Na exposição do caso prosseguia;
A pouco e pouco as mãos inteligentes
Travaram-se; e não sei se conviria
Acrescentar que um ósculo . . . Risquemos,
Não é bom mencionar estes extremos.

XXIV

Duas sombrias nuvens afastando,
Tênuo raio de sol rompera os ares,
E, no amoroso grupo desmaiando,
Testemunhou-lhe as núpcias singulares.
A nesga azul do ocaso contemplando,
Sentiram ambos irem-lhes os pesares,
Como noturnas aves agoureiras
Que à luz fogem medrosas e ligeiras.

XXV

Tinha mágoas o moço? A causa delas?
Nenhuma causa; fantasia apenas;
O eterno devanear das almas belas,
Quando as dominam férvidas camenas;

Uma ambição de conquistar estrelas,
Como se colhem lúcidas falenas;
Um desejo de entrar na eterna lida,
Um querer mais do que nos cede a vida.

XLVI

Com amores sonhava, ideal formado
De celestes e eternos esplendores,
A ternura de um anjo destinado
A encher-lhe a vida de perpétuas flores.
Tinha-o, enfim, qual fora antes criado
Nos seus dias de mágoas e amargores;
Madrugavam-lhe n'alma a luz e o riso;
Estava à porta enfim do paraíso.

XLVII

Nessa noite, o poeta namorado
Não conseguiu dormir. A alma fugira
Para ir velar o doce objeto amado
Por quem, nas ânsias da paixão, suspira;
E é provável que, achando o exemplo dado,
Ao pé de Heitor viesse a alma de Elvira;
De maneira que os dous, de si ausentes,
Lá se achavam mais vivos e presentes.

XLVIII

Ao romper da manhã, coo sol ardente,
Brisa fresca, entre as folhas sussurrando,
O não dormido vate acorda, e a mente
Lhe foi dos vagos sonhos arrancando.
Heitor contempla o vale resplendente,
A flor abrindo, o pássaro cantando;
E a terra que entre risos acordava,
Ao sol do estio as roupas enxugava.

XLIX

Tudo então lhe sorria. A natureza,
As musas, o futuro, o amor e a vida;
Quanto sonhara aquela mente acesa
Dera-lhe a sorte, enfim compadecida.
Um paraíso, uma gentil beleza,
E a ternura castíssima e vencida
De um coração criado para amores,
Que exala afetos como aroma as flores.

L

E ela? Se conheceste em tua vida
Leitora, o mal do amor, delírio santo,
Dor que eleva e conforta a alma abatida,
Embriaguez do céu, divino encanto,
Se a tua face ardente e enrubescida

Palejou com suspiros e com prantos,
Se ardeste enfim, naquela intensa chama,
Entenderás o amor de ingênuo dama.

LI

Repara que eu não faço desse enleio
De uma noite de baile ou de palestra;
Amor que mal agita a flor do seio,
E ao chá termina e acaba com a orquestra;
Não me refiro ao simples galanteio
Em que cada menina é velha mestra.
Averso ao sacrifício, à dor e ao choro;
Falo do amor, não falo do namoro.

LII

Éden de amor, ó solidão fechada
Casto asilo a que o sol dos novos dias
Vai mandar, como a furto, a luz coada
Pelas frestas das verdes gelosias,
Guarda-os ambos; conserva-os recatada.
Almas feitas de amor e de harmonias,
Tecei, tecei as vívidas capelas,
Deixai correr sem susto as horas belas.

LIII

Cá fora o mundo insípido e profano
Não dá, nem pode dar o enleio puro
Das almas novas, nem o doce engano
Não busqueis penetrar neste oceano
Com que se esquecem males do futuro.
Em que se agita o temporal escuro.
Por fugir ao naufrágio e aosofrimento,
Tendes uma enseada, - o casamento.

LIV

Resumamos, leitora, a narrativa.
Tanta estrofe a cantar etéreas chamadas
Pede compensação, musa insensível,
Que fatigais sem pena o ouvido às damas.
Demais, é regra certa e positiva
Que muitas vezes, as maiores famas
Perde-as uma ambição de tagarela;
Musa, aprende a lição; musa, cautela!

LV

Meses depois da cena relatada
Nas estrofes, a folhas, - o poeta
Ouviu do velho Antero uma estudada
Oração cicerônica e seleta;
A conclusão da arenga preparada
Era mais agradável que discreta.

Dizia o velho erguendo olhos serenos:
"Pois que se adoram, casem-se, pequenos!"

LVI

Lágrima santa, lágrima de gosto
Vertem olhos de Elvira; e um riso aberto
Veio inundar-lhe de prazer o rosto
Como uma flor que abrisse no deserto.
Se iam já longe as sombras do desgosto;
Inda até li era o futuro incerto
Fez-lhe certo o ancião; e a moça grata
Beija a mão que o futuro lhe resgata.

LVII

Correm os banhos, tiram-se dispensas,
Vai-se buscar um padre ao povoado;
Prepara-se o enxoval e outras pertenças
Necessárias agora ao novo estado.
Notam-se até algumas diferenças
No modo de viver do velho honrado,
Que sacrifica à noiva e aos deuses lares
Um estudo dos clássicos jantares.

LVIII

"Onde vais tu?" "À serra!" "Vou contigo".
"Não, não venhas meu anjo, é longa a estrada.
Se cansares? "Sou leve, meu amigo;
Descerei nos teus ombros carregada".
"Vou compor encostado ao cedro antigo
Canto de núpcias". "Seguirei calada;
Junto de ti, ter-me-ás mais em lembrança;
Musa serei sem perturbar" "Criança!"

LIX

Brandamente repele Heitor a Elvira;
A moça fica; o poeta lentamente
Sobe a montanha. A noiva repetira
O primeiro pedido inutilmente.
Olha-o de longe, e tímida suspira.
Vinha a tarde caindo frouxamente,
Não triste, mas risonha e fresca e bela
Como a vida da pálida donzela.

LX

Chegando, enfim, a c'roa da colina,
Viram olhos de Heitor o mar ao largo,
E o sol, que despe a veste purpurina,
Para dormir no eterno leito amargo.
Surge das águas, pálida e divina,
Essa que tem por deleitoso encargo
Velar amantes, proteger amores,

Lua, musa dos cândidos palores.

LXI

Respira Heitor; é livre. O casamento?
Foi sonho que passou, fugaz idéia
Que não pôde durar mais que um momento.
Outra ambição a alma lhe incendeia.
Dissipada a ilusão, o pensamento
Novo quadro a seus olhos patenteia,
Não lhe basta aos desejos de sua alma
A enseada da vida estreita e calma.

LXII

Aspira ao largo; pulsam-lhe no peito
Uns ímpetos de vida; outro horizonte,
Túmidas vagas, temporal desfeito,
Quer com eles lutar frente por frente.
Deixa o tranqüilo amor, casto e perfeito,
Pelos bródios de Vênus de Amatonte;
A existência entre fores esquecida
Pelos rumores de mais ampla vida.

LXIII

Nas mãos da noite desmaiara a tarde;
Descem ao vale as sombras vergonhosas;
Noite que o céu, por mofa ou por alarde,
Torna propícia às almas venturosas.
O derradeiro olhar frio e covarde
E umas não sei que estrofes lamentosas
Solta o poeta, enquanto a triste Elvira,
Viúva antes de noiva, em vão suspira!

LXIV

Transpõe o mar Heitor, transpõe montanhas;
Tu, curiosidade, o ingrato levas
A ir ver o sol das regiões estranhas,
A ir ver o amor das peregrinas Evas.
Vai, em troco de palmas e façanhas,
Viver na morte, bracejar nas trevas;
Fazer do amor, que é livro aos homens dado,
Copioso almanaque namorado.

LXV

Inscreve nele a moça de Sevilha,
Longas festas e noites espanholas,
A indiscreta e diabólica mantilha
Que a fronte cinge a amantes e a carolas.
Quanto encontra corações perfilha,
Faz da bolsa e do amor largas esmolhas;
Esquece o antigo amor e a antiga musa
Entre os beijos da lépida andaluza.

LXVI

Canta no seio túrgido e macio
Da fogosa, indolente italiana,
E dorme junto ao laranjal sombrio
Ao som de uma canção napolitana.
Dão-lhe, para os serões do ardente estio,
Asti, os vinhos, mulheres, a Toscana.
Roma adora, embriaga-se em Veneza,
E ama a arte nos braços da beleza.

LXVII

Vê Londres, vê Paris, terra das ceias,
Feira do amor a toda a bolsa aberta;
No mesmo laço, as belas como as feias.
Por capricho ou razão, iguais aperta;
A idade não pergunta às taças cheias;
Só pede o vinho que o prazer desperta;
Adora as outoniças, como as novas,
Torna-se herói de rua e herói de alcovas.

LXVIII

Versos, quando os compõe, celebram antes
O alegre vício que a virtude austera;
Canta os beijos e as noites delirantes,
O estéril gozo que a volúpia gera;
Troca a ilusão que o seduzia dantes
Por maior e tristíssima quimera;
Ave do céu, entre ósculos criada,
Espalha as plumas brancas pela estrada.

LXIX

Um dia, enfim, cansado e aborrecido,
Acorda Heitor; e, olhando em roda ao largo,
Vê um deserto, e do prazer perdido
Resta-lhe unicamente o gozo amargo;
Não achou o ideal apetecido
No longo e profundíssimo letargo;
A vida exausta em festas e esplendores,
Se algumas tinha, eram já murchas flores.

LXX

Ora, uma noite, costeando o Reno,
Ao luar melancólico, - buscava
Aquele gozo simples, doce, ameno,
Que à vida toda outrora lhe bastava;
Voz remota, cortando o ar sereno,
Em derredor os ecos acordava;
Voz aldeã que o largo espaço enchia,
E uma canção de Schiler repetia.

LXXI

"A glória! diz Heitor, a glória é vida!
Por que busquei nos gozos de outra sorte
Esta felicidade apetecida,
Esta ressurreição que anula a morte?
Ó ilusão fantástica e perdida!
Ó mal gasto, ardentíssimo transporte!
Musa, restaura as apagadas tintas!
Revivei, revivei, chamas extintas!"

LXXII

A glória? Tarde vens, pobre exilado!
A glória pede as ilusões viçosas,
Estro em flor, coração eletrizado.
Mãos que possam colher etéreas rosas;
Mas tu, filho do ócio e do pecado,
Tu que perdeste as forças portentosas
Na agitação que os ânimos abate,
Queres colher a palma do combate?

LXXIII

Chamas em vão as musas; deslembradas,
À tua voz os seus ouvidos cerram;
E nas páginas virgens, preparadas,
Pobre poeta, em vão teus olhos erram;
Nega-se a inspiração; nas despregadas
Cordas da velha lira, os sons que encerram
Inertes dormem; teus cansados dedos
Correm debalde; esquecem-lhe os segredos.

LXXIV

Ah! se a taça do amor e dos prazeres
Já não guarda licor que te embriague;
Se nem musas nem lânguidas mulheres
Têm coração que o teu desejo apague;
Busca a ciência, estuda a lei dos seres,
Que a mão divina tua dor esmague;
Entra em ti, vê o que és, observa em roda,
Escuta e palpa a natureza toda.

LXXV

Livros compra, um filósofo procura;
Resolve a criação, perscruta a vida;
Vê se espancas a longa noite escura
Em que a estéril razão andou metida;
Talvez aches a palma da ventura
No campo das ciências escondida.
Que a tua mente as ilusões esqueça:
Se o coração morreu, vive a cabeça!

LXXVI

Ora, por não brigar coos meus leitores,
Dos quais, conforme a curta ou longa vista,
Uns pertencem aos grupos novadores
Da fria comunhão materialista;
Outros, seguindo exemplo dos melhores,
Defendem a teoria idealista;
Outros, enfim fugindo armas extremas,
Vão curando por ambos os sistemas;

LXXVII

Direi que o nosso Heitor, após o estudo
Da natureza e suas harmonias,
(Opondo à consciência um forte escudo
Contra divagações e fantasias);
Depois de ter aprofundado tudo,
Planta, homem, estrelas, noites, dias,
Achou esta lição inesperada:
Veio a saber que não sabia nada.

LXXVIII

"Nada! exclama um filósofo amarelo
Pelas longas vigílias, afastando
Um livro que há de dar um dia ao prelo
E em cujas folhas ia trabalhando.
Pois eu, doutor de borla e de capelo,
Eu que passo o.s meus dias estudando,
Hei de ler o que escreve pena ousada,
Que a ciência da vida acaba em nada?"

LXXIX

Aqui convinha intercalar com jeito,
Sem pretensão, nem pompa nem barulho,
Uma arrancada apóstrofe do peito
Contra as vãs pretensões do nosso orgulho;
Conviria mostrar em todo o efeito
Essa que é dos espíritos entulho,
Ciência vã, de magnas leis tão rica,
Que ignora tudo, e tudo ao mundo explica.

LXXX

Mas, urgindo acabar este romance,
Deixo em paz o filósofo, e procuro
Dizer ao vate o doloroso trance
Quando se achou mais peço e mais escuro.
Valera bem naquele triste lance
Um sorriso do céu plácido e puro,
Raio do sol eterno da verdade,
Que a vida aquece e alenta a humanidade.

LXXXI

Quê! nem ao menos na ciência havia
Fonte que a eterna sede lhe matasse?
Nem do amor, nem no seio da poesia
Podia nunca repousar a face;
Atrás desse fantasma correria
Sem que jamais as formas lhe palpasse?
Seria acaso a sua ingrata sorte
A ventura encontrar nas mãos da morte?

LXXII

A morte! Heitor pensara momentos
Nessa sombria porta aberta à vida;
Pálido arcanjo dos finais alentos
De alma que o céu deixou desiludida;
Mão que, fechando os olhos sonolentos,
Põe o termo fatal à humana lida;
Templo de glória ou região do medo,
Morte, quem te arrancara o teu segredo?

LXXXIII

Vazio, inútil, ermo de esperanças
Heitor buscava a noiva ignota e fria,
Que o envolvesse então nas longas tranças
E o conduzisse à câmara sombria,
Quando, em meio de pálidas lembranças,
Surgiu-lhe a idéia de um remoto dia,
Em que cingindo a cândida capela
Estava a pertencer-te uma donzela.

LXXXIV

Elvira! o casto amor! a esposa amante!
Rosa de uma estação, deixada ao vento!
Riso dos céus! estrela rutilante
Esquecida no azul do firmamento!
Ideal, meteoro de um instante!
Glória da vida, luz do pensamento!
A gentil, a formosa realidade!
Única dita e única verdade!

LXXXV

Ah! por que não ficou terno e tranqüilo
Da ingênua moça nos divinos braços?
Por que fugira ao casto e alegre asilo?
Por que rompera os mal formados laços?
Quem pudera jamais restituí-lo
Aos estreitos, fortíssimos abraços
Com que Elvira apertava enternecida
Esse que lhe era o amor, a alma e a vida?

LXXXVI

Será tempo? Quem sabe? Heitor hesita;

Tardio pejo lhe enrubesce a face;
Punge o remorso; o coração palpita,
Como se vida nova o reanimasse;
Tênuo fogo, entre a cinza, arde e se agita...
Ah! se o passado ali ressuscitasse
Reviveriam ilusões viçosas,
E a gasta vida rebentara em rosas!

LXXXVI l

Resolve Heitor voltar ao vale amigo,
Onde ficara a noiva abandonada.
Transpõe o mar, afronta-lhe o perigo,
E chega enfim à terra desejada.
Sobe o monte, contempla o cedro antigo,
Sente abrir-se-lhe n'alma a flor murchada
Das ilusões que um dia concebera;
Rosa extinta da sua primavera!

LXXXVIII

Era a hora em que os serros do oriente
Formar parecem luminosas urnas;
E abre o sol a pupila resplendente
Que às folhas sorve as lágrimas noturnas;
Frouxa brisa amorosa e diligente
Vai acordando as sombras taciturnas;
Surge nos braços dessa aurora estiva
A alegre natureza rediviva.

LXXXIX

Campa era o mar; o vale estreito berço;
De um lado a morte, do outro lado a vida,
Canto do céu resumo do universo,
Ninho para aquecer a ave abatida.
Inda nas sombras todo o vale imerso,
Não acordara à costumada lida;
Repousava no plácido abandono
Da paz tranqüila e do tranqüilo sono.

XC

Alto já ia o sol, quando descera
Heitor a oposta face da montanha;
Nada do que deixou desaparecera;
O mesmo rio as mesmas ervas banha.
A casa como então, garrida e austera,
Do sol nascente a viva luz apanha;
Iguais flores, nas plantas renascidas...
Tudo ali fala de perpétuas vidas!

XCI

Desce o poeta cauteloso e lento.
Olha de longe; um vulto ao sol erguia

A veneranda fronte, monumento
De grave e celestial melancolia.
Como sulco de um fundo pensamento
Larga ruga na testa abrir se via,
Era a ruína talvez de uma esperança...
Nos braços tinha uma gentil criança

XCII

Ria a criança; o velho contemplava
Aquele flor que às auras matutinas
O perfumoso cálix desbrochava
E entrava a abrir as pétalas divinas.
Triste sorriso o rosto lhe animava,
Como um raio de lua entre ruínas.
Alegria infantil, tristeza austera,
O inverno torvo, a alegre primavera!

XCIII

Desce o poeta, desce, e preso, e fito
Nos belos olhos do gentil infante,
Treme, comprime o peito. . . e após um grito
Corre alegre, exaltado e delirante.
Ah! se jamais as vozes do infinito
Podem sair de um coração amante.
Teve-as aquele... lágrimas sentidas
Lhe inundaram as faces ressequidas!

XCIV

"Meu filho!" exclama, e súbito parando
Ante o grupo ajoelha o libertino;
Geme, soluça, em lágrimas beijando
As mãos do velho e as tranças do menino.
Ergue-se Antero, e frio e venerando,
Olhos no céu, exclama: "Que destino!
Murchar-lhe, viva, a rosa da ventura;
Morta, insultar-lhe a paz da sepultura!"

XCV

"Morta!" "Sim!" "Ah! senhor! se arrependido
Posso alcançar perdão, se com meus prantos
Posso apiedar-lhe o coração ferido
Por tanta mágoa e longos desencantos;
Se este infante, entre lágrimas nascido,
Pode influir-me os seus afetos santos...
É meu filho, não é? perdão lhe imploro!
Veja senhor! eu sofro, eu creio, eu choro!"

XCVI

Olha-o com frio orgulho o velho honrado;
Depois, fugindo àquela cena estranha,
Entra em casa. O poeta, acabrunhado,

Sobe outra vez a encosta da montanha;
Ao cimo chega, e desce o oposto lado
Que a vaga azul entre soluços banha.
Como fria ironia a tantas mágoas,
Batia o sol de chapa sobre as águas.

XCVII

Pouco tempo depois ouviu-se um grito,
Som de um corpo nas águas resvalado;
À flor das vagas veio um corpo aflito...
Depois. . . o sol tranqüilo e o mar calado.
Depois... Aqui termina o manuscrito,
Que ora em letra de forma é publicado,
Nestas estrofes pálidas e mansas,
Para te divertir de outras lembranças.

FIM